

# Sarney quer o Congresso normal

O presidente José Sarney defendeu ontem, em pronunciamento feito por cadeia nacional de rádio e televisão, às 20h30, o funcionamento normal do Congresso Nacional. Sarney não aceita a tese que vem sendo defendida pelo PMDB de "Constituinte exclusiva". Sarney cobrou os compromissos assumidos pela Aliança Democrática — PMDB e PFL.

O presidente Sarney disse que vai continuar negociando o pacto social e reconheceu que ainda falta o hábito de negociação, porque é muito difícil compor "interesses divergentes". Ele observou que para promover as negociações o Governo falou sempre a verdade, acrescentando que o seu governo fez uma revolução social no País.

O discurso do presidente Sarney durou 13 minutos, e foi gravado durante duas horas. O texto foi redigido pelo próprio Presidente. A primeira gravação durou 17 minutos. Sarney o achou muito longo, e realizou as mudanças.

Somente o ministro-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, o governador eleito do Maranhão, Epitácio Cafeteira, o consultor-geral da República, Saulo Ramos, o secretário de Imprensa, Frota Neto, e dona Marly acompanharam a gravação.

A gravação começou atrasada. O presidente Sarney resolveu antes conceder uma entrevista à TV Globo, para o programa "Fantástico". A demora da liberação do

discurso irritou os jornalistas, que consideram o fato uma falta de respeito, principalmente porque o assessor do Presidente, Virgílio Costa, disse "que jornal era coisa do século passado. O importante é a televisão".

A seguir, os principais textos do pronunciamento do Presidente:

"A História do Brasil, a difícil História do Brasil, está cheia de frustrações institucionais. Daí as responsabilidades dos constituintes de hoje, os Constituintes de 1987. Eles estão realizando uma obra para o futuro, para durar, com a missão mais alta de elaborar um documento sagrado, como foi a Carta do Rei João, para a Inglaterra, ou a Constituição americana, que já atravessa dois séculos.

Uma Constituição consagra sempre o governo da Lei e não dos homens. Nós todos passaremos. Mas a Constituição deve ser feita para sobreviver a todos nós, gerações e gerações. Para isso ela tem de ser sábia, abrir o futuro, desvendar os caminhos do futuro" (...)

"A democracia aí está no Brasil inteiro, vigorosa, participativa. Respire liberdade em todos os cantos do Brasil.

E este o País que os deputados e senadores constituintes recebem.

Nunca, nunca uma Constituinte se reuniu com tanta participação, legitimidade, paz e estabilidade política, com um Governo constituído e plenamente aceito, com tão amplas e totais garantias, livre de ameaças internas e externas ou de desestabilizações pela força" (...)

"Não posso deixar de dizer que se por um lado os nossos ganhos políticos são extraordinários, por outro nós também atravessamos momento de grandes dificuldades, momento que vai exigir compreensão do povo brasileiro" (...)

"Desde o primeiro dia do meu governo, tenho procurado estabelecer uma política de consenso, de paz nacional, de conciliação, como é do meu temperamento. O pacto social é o que tentamos agora e tentamos sempre. Talvez nos falte ainda hábito das negociações econômicas internas. Porque é difícil compor interesses divergentes. A estratégia do Governo para promover essas negociações foi e será sempre a de dizer a verdade. E esse é o caminho que deve ser seguido e que deve ser explorado.

Nunca as nossas diretrizes foram tão firmes. Elas se resumem no seguinte: crescimento liderado pela iniciativa privada, com distribuição de renda. E u uma irreversível, convicta, justa e humana opção pelos pobres". (...)

A Constituinte, durante seu funcionamento, deve ser um instrumento de estabilidade política. E de mãos dadas, com o Governo, através do Congresso Nacional, principalmente os nossos companheiros, ela será um esteio solidário para nós vencermos obstáculos e continuarmos as mudanças".

"A Nova República não é a retórica do desastre.

A Nova República tem uma obra realizada e tem uma obra a realizar. (...)